

ENTREVISTA

CARLA CÍNTIA CONTEIRO

Por Nágila Oliveira dos Santos



Você se lembra do momento ou da experiência que despertou em você o desejo de escrever?

Não posso dizer que houve um momento específico. Fui uma criança e uma adolescente introspectiva, quase não falava. Eu escrevia, então, para expressar minhas ideias, desabafar, organizar os sentimentos e pensamentos. Mais tarde, quando já estava no pré-vestibular, tomei coragem de mostrar meus escritos para algumas pessoas e a reação delas me fez pensar que talvez houvesse algo de real valor ali.

Quais foram as leituras, autores(as) ou experiências de vida que mais marcaram o início da sua caminhada literária?

Meus pais só presenteavam a mim e minhas irmãs com roupas e brinquedos em datas especiais, mas desde que comecei a ler e escrever, aos três anos de idade, tinha a minha disposição farto material de leitura. Meu pai era um grande contador de histórias e o que eu presenciava ele sacar dos livros me incentivou a procurar por aquela magia naqueles objetos encantados, por mim mesma, tão logo eu pude. Minha mãe, professora hoje aposentada, sabia como nos incentivar na

INDEXADORES:



leitura. Comecei com aqueles livrinhos de história, como “O patinho feio”, quadrinhos (Maurício de Sousa, Disney, RGE), Monteiro Lobato (quando ainda não nos havíamos dado conta do quanto seus livros eram problemáticos). Aos poucos, fui prestando atenção aos jornais e revistas que meus pais consumiam, com especial destaque para as crônicas de Luis Fernando Veríssimo no Jornal do Brasil. Enquanto isso, na escola, era apresentada aos clássicos infanto-juvenis, à “Coleção Vagalume” e à série “Para gostar de ler”. Também a escola exigia pesquisas e eu recorria às enciclopédias e acabava lendo outros tópicos além dos pesquisados, porque tudo me parecia interessante. Esses primeiros passos atingiriam o auge quando meus pais colocaram nas minhas mãos a revista do Círculo do Livro e o mundo da leitura se abriu de vez pra mim.

A literatura sempre foi um projeto de vida para você ou se apresentou como uma descoberta ao longo do caminho?

Não foi um projeto de vida, mas desde cedo havia enormes sinais luminosos apontando para ele que eu teimei em ignorar.

Eu raramente faltava à escola, mas fiquei doente e faltei por um ou dois dias. Quando retornei, vários colegas vieram falar comigo, porque a professora de português queria saber quem eu era no meio da enorme turma da escola pública. Fiquei apreensiva, com medo de ter feito alguma besteira. Mas eles me tranquilizaram. Eu era a única aluna que havia conseguido boa nota no teste de redação que a professora havia aplicado. No dia da aula seguinte da D. Mercedes, ela me colocou sob os holofotes, me parabenizou, me entrevistou diante da turma, perguntou se eu gostava de ler, que tipo de coisa eu lia, me elogiou... Morri de vergonha, mas fiquei feliz por descobrir uma coisa que eu fazia bem: escrever.

Já no 2º grau, que hoje se chama ensino médio, fiz um teste vocacional e o resultado foi Música ou Letras. Prestei vestibular e fui fazer Ciências da Computação.

Eu trabalhava na área de TI quando engravidei, anos depois. Ao voltar da licença maternidade, não tinha mais emprego. Usei parte do dinheiro da rescisão e da indenização para comprar um PC e comecei a prestar serviços a partir de casa. Meu marido, jornalista, além do emprego CLT, também prestava serviços de produção textual para gravadoras e comecei a trabalhar com ele. Além de ser mãe, o que eu mais fazia era escrever.

Pela mesma época, quando a internet dava seus primeiros passos no Brasil, descobri os grupos de discussão, onde a forma de se comunicar era a escrita. Tive a sorte de me conectar com pessoas que escreviam muito bem e me senti desafiada a imprimir mais expressão nos meus textos.

INDEXADORES:



Fui acumulando os textos que eu mais gostava nessas trocas e outros que eu não compartilhava. Em 2009, chegou ao Brasil a tecnologia online de autopublicação independente. Eu poderia, finalmente, lançar um livro sem ter que passar pelo constrangimento de bater à porta das editoras e talvez ser rejeitada. Isso teria sido terrível para a menina tímida ainda dentro de mim.

Lancei “Fel – amargando felicidade” em eventos promovidos por mim mesma e até na FLIP de 2010. Eu estava bem satisfeita da vida, porque foi um sucesso com o pessoal lá em casa. Até tomei coragem para inscrevê-lo, sem saber direito onde estava me metendo, num concurso da União Brasileira de Escritores. Numa manhã de sábado, recebi um telefonema me comunicando que eu havia tirado o primeiro lugar no concurso e que o prêmio seria entregue na Academia Brasileira de Letras. O dia dessa premiação foi um dos mais felizes da minha vida.

Foi assim que escrever e ajudar outras autorias a publicarem seus livros virou uma carreira. E comecei a estudar seriamente sobre o assunto.

Como a sua formação acadêmica, cultural e intelectual dialoga com a sua escrita literária?

Encaro minha escrita literária como uma espécie de espelho do que sou e um retrato do que capta minha atenção, do que penso e do que sinto em determinado momento. Então penso que esse diálogo ocorre como a experiência de dirigir ou andar de bicicleta. Em certo ponto da vida, dedica-se àquele aprendizado, na auto-escola ou estudando, mas quando se precisa dele, ele se apresenta de forma orgânica e inconsciente, ao dirigir ou ao escrever.

Quais pensadores(as) ou referências teóricas alimentam sua visão de mundo e atravessam sua obra?

Creio que seja uma amálgama de infinitas referências ao longo da minha vida, que se entrelaçam e complementam.

A referência familiar, com certeza, com meus pais e minha avó materna que fizeram o grande salto, numa época em que não existia, por exemplo, o sistema de cotas, através da educação e do trabalho. Eles arrastaram, com a mão estendida, pelo exemplo e com bons conselhos, boa parte da família, dos vizinhos, da rede de contatos. Assim, introduzi que o movimento é coletivo ou não é.

Apreendi muito com as letras da MPB e do samba. Daí tive notícias sobre os horrores da ditadura, da desigualdade, da violência, especialmente contra as mulheres, do racismo...

Quando alcancei as referências teóricas, a visão de mundo já estava bem rascunhada. Elas foram nomeando o que já estava em mim e abrindo portas e janelas para a luz entrar. Chegar a Lélia Gonzalez, Cida Bento, Chimamanda, Muniz Sodré, Josué de Castro, Milton Santos, Angela Davis, Cidinha da Silva, Bárbara

INDEXADORES:



Carine, Beatriz Nascimento e que tais foi chegar em casa. Com Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Elisa Lucinda, James Baldwin, Alex Haley, Machado de Assis, Lima Barreto, e tantos outros que me acompanham no cotidiano, vou renovando a fé em que é possível transmutar dor, crítica, revolta e vontade de mudar o mundo em arte.

Em que medida sua escrita se conecta com tradições literárias africanas, afro-brasileiras ou outras matrizes culturais?

De uma maneira bastante natural. Minhas referências afro-brasileiras foram se formando com o tempo. Embora eu tenha sofrido racismo na escola desde os primeiros dias, só com o tempo fui me entender como pessoa negra e compreender as implicações disso na minha vida e na dos outras pessoas negras, das retintas às de pele mais clara, como eu. As tradições afro-brasileiras, assim, chegam por estudo, observação, pesquisa e reconhecimento do que não foi dito, nem explicado.

Uma coisa que eu sempre soube sobre mim é que sou uma mulher. Uma mulher suburbana. Expando para uma mulher negra suburbana e minha matriz cultural é esta.



Para você, qual é o papel da literatura em contextos de desigualdade, racismo e colonialidade?

Quando eu tinha uns dez anos, morava uma senhorinha mineira já idosa, em frente a minha casa. Um dia, eu estava molhando o canteiro perto do portão, ela atravessou a rua bem devagar para me dizer que não era bom aguar plantas naquele horário com o sol quente, porque as plantas não gostavam. Eu fiz um muxoxo e

INDEXADORES:



continuei minha tarefa. Ela virou-se para ir embora e disse: “Uns aprendem pelo amor, outros pela dor”. De tarde, as plantas estavam todas murchas.

Literatura é aprender pelo amor. Pela ficção, pela empatia, pela experiência alheia, tocamos em desigualdade, racismo, colonialidade e outros assuntos muito dolorosos. Assim, embalados pela Literatura, podem ser absorvidos através do afeto, atingindo a cognição e a volição.

Sua escrita traz um olhar crítico, mas também profundamente afetivo. Como você equilibra estética e denúncia, poesia e política?

Isso é a vida, não é? A gente se equilibra e tenta sobreviver, digerir e assimilar as partes duras da vida. Tenta fazer sentido do caos, imprimir poesia no absurdo, enxergar beleza na tristeza, mas o que a gente quer de verdade é deixar o mundo um pouquinho melhor do que encontrou.

Que lugares e experiências concretas (territórios, comunidades, vivências) inspiram suas narrativas e poemas?

Sou cria de Campo Grande, nascida e criada. Há coisas muito peculiares sobre a vivência suburbana que tento captar em crônicas que coleciono em pastas no notebook e que talvez um dia vire um livro.

Também bem marcante é fato de ter sido criada numa família cheia de mulheres e estudado numa escola onde a maioria absoluta era de mulheres.

Além disso, desde que comecei a frequentar locais além do núcleo familiar, como a escola, passei a ser informada que meu fenótipo carregava uma história que muita gente rejeitava e que minha simples preseça era incômoda. Aquelos olhares, aquelas palavras duras, aquelas recusas todas, durante muito tempo, isso me fez sentir que tinha algo errado comigo, que eu tinha feito alguma coisa errada. Só depois aprendi e entendi.

Hoje moro no bairro do Maracanã, próximo a diversas escolas de samba: Mangueira, Salgueiro, Vila Isabel, Império da Tijuca... Além das escolas, estou bem perto da área central da cidade e de sua revitalização do samba, que frequento com gosto. Samba – tanto a música quanto o evento – é como Shakespeare: todos os dramas da vida estão lá!

Como foi o processo de criação e publicação do seu(s) livro(s)?

De formas variadas. Já escrevi sob encomenda, como as biografias de Caetano Veloso e Gilberto Gil para a editora francesa Editions Demi-Lune, em parceria com Ricardo Pessanha.

Mas normalmente junto escritos diversos sob uma linha que os conecta, creio que nem sempre óbvia, para montar um livro.

INDEXADORES:



Já publiquei livro como prêmio de concurso literário, como o livro “Sem Interrupções” pela editora Folheando. Porém a maioria dos meus livros são independentes, lançados pela minha própria editora, a Quimideias, que também publica livros de outras autoras.

Qual foi a maior surpresa na recepção da sua obra entre leitores(as) e críticos(as)?

Sem dúvida, o prêmio Paulo Mendes Campos, da UBE, recebido na Academia Brasileira de Letras por meu primeiro livro foi uma surpresa e um baita incentivo para continuar.

Além dos livros solos você possui participação em diversas coletâneas, em especial as organizadas e compostas por mulheres. Qual é o papel das coletâneas dentro da sua trajetória literária? Quais obras você destacaria?

A primeira vez que um texto meu foi impresso num livro foi numa coletânea.

Eu já estava com meu terceiro ou quarto livro solo lançado quando comecei a me achar meio isolada e fui me jogar em eventos e querer estar mais perto de outras autoras.

Foi nesse contexto que conheci a Kátia Pires Chagas e o Bruno Black. Kátia é professora, agitadora cultural da Zona Oeste e criadora do projeto “Mulheres Reais” e suas coletâneas. Participei de alguns dos livros dela, muitas de suas movimentações, como lançamentos nas Bienais do Rio e de São Paulo e ela das minhas, como os livros “Vozes Femininas” e a FLIMARACA – Festa Literária Informal do Maracanã, que idealizamos e realizamos, Eliana Alvez Cruz, Ricardo Pessanha e eu, sem qualquer patrocínio, fomento ou incentivo público, só raça, vontade de fazer e teimosia mesmo. Já o Bruno é um astro de eventos literários, com diversas coletâneas capitaneadas por ele. Participei de uma chamada “Se tens um dom, seja” e também foi lançada numa das edições da Bienal do Rio.

Também faço parte e participei de uma coletânea do “Mulherio das Letras”, através do qual conheci a Nágila que me convidou para participar, além desta entrevista, de uma coletânea da editora África e Africanidades, a “Dias de sol são assim...”, em 2025.

Também neste ano participei do livro coletivo “Conexões” que comemorou o primeiro ano do sarau “Vem pra Cá”, organizado pela Rozzi Brasil e pela Lilian Maia, um dos que eu mais tenho frequentado.

O meu xodó, por motivos óbvios, é a coleção “Vozes Femininas”, idealizada por mim. O lançamento do primeiro dos cinco volumes (até agora) dessa coleção estava marcado para março de 2020 e foi atropelado pela pandemia. Acabou acontecendo de forma virtual. Por fim, as outras autoras e eu permanecemos juntas

INDEXADORES:



inventando e lançando outras publicações durante aquele período nefasto. Consegui reunir mulheres incríveis nesses livros e em nossos grupos de produção, que viraram de apoio mútuo na travessia da pandemia. Entre essas escritoras, algumas já renomadas, como Eliana Alves Cruz, e outras que se lançaram em carreira solo depois de participar de um ou mais de nossos livros, como Luana Rodrigues, brilhando hoje na Literatura Infantil, e a cantora Dorina, uma grande contista.

Além disso, “Vozes Femininas” se desdobrou em possibilidades caleidoscópicas como, por exemplo, a maior aproximação com a cantora Marianna Leporace, que se animou a compor e não “apenas” cantar, depois de publicar em livro conosco, e com quem hoje em dia apresento um programa feminista, chamado Mulherizarte, no Canal Música de Propósito do Youtube, juntamente com as cantoras, compositoras e musicistas Cacala Carvalho e Ju Cassou. Da Ju Cassou, lancei recentemente pela Quimideias o livro chamado “Mborai – a música guarani”, com partituras de canções indígenas com letras em português, inglês e guarani.

“Vozes Femininas” foi premiada, mas o grande mérito é que os principais objetivos que enxergo nesta e nas demais coletâneas foi lindamente alcançado: conexão e troca. Quem sabe também divulgação do nosso trabalho individual e uns caraminguás na conta corrente, porque escritora e editora também precisa comer.

Há alguma leitura ou interpretação da sua escrita que mais te marcou?

Outro dia, no sarau “Vem pra cá”, recebi uma homenagem por minha assiduidade no evento mensal. Cada um dos presentes, poderia escolher um poema meu e ler. É muito intenso testemunhar outras pessoas lendo o que você escreveu em voz alta, com sua própria entonação e interpretação. A variedade de vozes ecoando o que saiu daqui de dentro me emocionou muito mesmo.

Em que projetos literários ou acadêmicos você está trabalhando atualmente?

Estou trabalhando em projetos de outras autorias a serem lançados pela minha editora, a Quimideias. É muito satisfatória esta função de doula de livros.

Estava ou estou trabalhando ainda, não sei bem, no meu primeiro romance. Mas outro texto começou a atrapalhar meu sono e estou me dedicando mais a ele do que ao anterior. Vamos ver qual dos dois vem à luz primeiro.

Além disso, estou organizando o edital para o próximo “Vozes Femininas”.

INDEXADORES:



Que mensagens ou reflexões você gostaria que seus leitores levassem consigo depois de ler a sua obra?

Gostaria que todos terminassem de ler algo que eu escrevi com motivos para refletir e com a sensação de que por mais difícil que alguma coisa seja, é possível aprender, transformar em arte ou até debochar e rir um pouquinho.

Contato: @carla.conteiro | carlaconteiro.com.br | carla@quimideias.com.br

Meus livros :

Caetano Veloso, Lâme brésilienne – 2008 – Editions Demi Lune, França.

FEL – Amargando Felicidade – 2009 – Prêmio Melhor Livro de Crônicas pela União Brasileira de Escritores (UBE) de 2010, recebido na Academia Brasileira de Letras (ABL).

O Ponto Aumentado – 2010 – Finalista do Concurso de Literatura do SESC nacional. 1º Lugar no IV Prêmio Clube de Autores de Literatura Contemporânea.

A Conteira – 2013

Gilberto Gil, L'enchanteur tropical – 2014 – Editions Demi Lune, França.

Kraime & Kraken – 2017

Sem Interrupções – 2020 – Prêmio Uirapuru. Editora Folheando

Vozes Femininas – Troféu Arte em Movimento 2019 e 2020:

Não Interrompidas – 2020;

Negras – 2020;

Duras na Queda – 2021;

Na Era de Aquário – 2022;

À Asase Yaa – 2023.

Carlíricas – 2024 - Indicada ao Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano 2021 da União Brasileira de Escritores (UBE).

.

E mais de 10 coletâneas.

INDEXADORES:



INDEXADORES:

